

DEUS NÃO EXISTE

Elson Sena dos Santos¹

RESUMO

A religião, portando todos os significados, tem feito parte ativa a cada momento do panorama humano em toda trajetória histórica e na contemporaneidade. Neste contexto, o Artigo Científico de Revisão Bibliográfica ou Pesquisa Teórica ora elaborada, tem por objetivo expor um breve histórico sobre a inexistência de Deus, com esboço na crítica da religião em Freud, outros pensadores e na Contemporaneidade, visando entender o caminho percorrido por eles, com a finalidade de chegarem às formas usadas por muitas pessoas de outrora e de sua época, que fizeram uso do conhecimento que detinham, para criar e implantar na mente das pessoas humanas a concepção monoteísta. O ser humano, diante dessa formação mental, adquiriu novas formas de comportamento, passando a pensar ser dependente de algo ou de alguém, distanciando-se, portanto do seu potencial interior, do seu intelecto, deixando de conhecer-se a si mesmo, por cogitar ser parte desta linha de inferioridade e dependência.

PALAVRAS – CHAVE: Pensador sem Deus, Caminho Histórico, Estabelecimento do Monoteísmo.

INTRODUÇÃO:

Para falar sobre a inexistência de Deus, refletindo a crítica da religião, é pertinente saber sobre a expressão “imaginário”, pois isto é uma forma individual e ilusória de entender alguém ou algo, a exemplo de Freud, a forma como ele entendia a religião. Partindo desta contextura, fica entendido que no dizer freudiano e outros que pensam de igual modo, o que constitui um caráter distintivo de deus é apenas o trabalho intelectual de criação do universo, tendo como fundamento os limites da lógica.

Tais limites dizem que todas as coisas têm de ser criadas, mas; que Deus não precisa desse ato de criação, caracterizando que; admitindo este argumento, fica claro que Deus não faz parte do “tudo”, e; assim sendo, é taxativo afirmar que ele não existe, sem admissão de réplica ou contestação. Os animais regulam-se pelo instinto, enquanto que o homem é cômico dos seus atos, podendo destarte, refletir, ou desviar-se de determinada direção de conhecimentos angariados até então e buscar novos horizontes do saber sobre si próprio e sobre a concepção de Deus.

¹ Teólogo, com Bacharelado pelo Centro Universitário Claretiano.

É oportuno ter na lembrança que a capacidade de reflexão moral do indivíduo é capaz de transpor o espaço do ego até os limites de compreender o conhecimento do mundo, rumo ao seu ilimitado, bem como buscar conhecimento de qualquer teoria, dando lugar assim à construção da religião. O homem se torna infeliz quando faz separação de si mesmo e o divino, nesta vereda, caminha fazendo uso figurado para significar Deus como absoluto ou eterno e superior ao homem. Deste modo, há pensadores que dizem que é o homem que cria Deus imaginariamente e não que ele exista de forma real.

Deve ficar entendido que entre o ser humano e o imaginário “divino” não deve existir incompatibilidade na prática. A lacuna ou o vazio está no próprio homem, que em sua incompletude, busca na religião a existência de alguém maior a si próprio, pois o sistema religioso lhe traz abstrações que limitam a vida humana. Portanto, provar a existência de Deus tem sido uma tentativa incansável e interminável do homem, visando o interesse financeiro, de querer chegar mais próximo de alguém que, no pensar – humano -, se assemelha em mistério flagrante, que depende unicamente de uma fé em desenvolvimento para ser manifesto, mas não se manifesta.

Portanto, as exposições metódicas freudianas, apoiadas e seguidas por outros que pensam igualmente, que têm o sentido de provar a existência ou inexistência de Deus, não significam meras tentativas humanas, com objetivos precípuos de distanciar ninguém da proximidade do divino. Tudo depende única e exclusivamente da maneira como se acredita, a exemplo do próprio Freud, que pensava a religião como ilusão.

Apesar das teorias e discussões existentes sobre o tema, a coragem e energia que conduzem ao esforço da busca desse ato de provar este fato, ocorrem sem evidências, isto é óbvio, contudo merece determinado nível de considerações. Certo é que o homem vive à deriva da realidade da existência ou inexistência de qualquer ente divino, tendo em vista que não há como provar este fato de forma científica, visto que a concepção da existência ou não de Deus, não é objeto da ciência.

Até mesmo a história, inspirada puramente na fé e não na razão – na prova real -, conduz o homem à crença de que Deus existe, distanciando-o de pensar no sentido negativo como Freud e outros pensadores que agiram de igual modo, considerando que o ser humano busca coisas prontas, não se dá à busca do conhecimento profundo nem da construção deste, como fez o pensador referido e um número seletivo de outros sábios que não se rendem ao que não se pode provar – a existência de um ente divino -.

Assim sendo, tanto Freud quanto outros da mesma linha de pensamento, tentam mostrar que surgem as probabilidades do inverso da existência – a inexistência - de um ente

divino, denominado Deus supremo e soberano, imaginariamente superior ao próprio homem que acaricia a ideia de que Deus existe. Destarte, para se chegar a um consenso deste fato, não se faz necessário ser ateu, à-toa, nem ser aderente ou rebelde a nenhuma denominação ou sistema religioso, mas tão somente fazer uso coerente da inteligência que dota o homem em ser diferente dos demais seres existentes, para não confundir o saber.

Para tanto, é pertinente trilhar o caminho da história das religiões, com especialidade no que refere ao estabelecimento do monoteísmo, que mostra a firmeza da razão e da verdade na sua forma real, deixando bem claro a inexistência de deus.

1. Caminho da Historicidade

A historicidade diz, conforme (Sander, 2011), que Freud, era de origem judaica, portanto trazendo consigo considerável nível de fundamentos para falar a respeito do povo judeu, posteriormente denominado povo de Israel. Um fenômeno lhe chamava a atenção, era o ódio contra esse povo. Ele ficou inquieto ante este fato e passou a investiga-lo, ficando entendido e claro, que esse ódio redundava na noção de “povo eleito”. Deixando óbvio no pensamento freudiano que, enquanto o povo de Israel declarava ser o povo eleito de Deus os demais povos do planeta Terra permaneciam imersos em um vasto oceano de descaso perante esse ser “divino”.

Isto traduz que, partindo desse conceito de “povo eleito”, com privilégios diante de Deus, Freud denomina essa forma de pensar como ilusão, e que é apenas invenção da imaginação humana na representação daquele povo, cuja ideia é totalmente destituída de fundamentos. Não só Freud visualizou o fato desta forma, mas; ainda existiram outros pensadores que seguiram esta mesma linha de pensamento freudiana, a exemplo de (Comparato, 1997), que disse:

A grande (e única) invenção do povo da Bíblia, uma das maiores, aliás, de toda a história humana, foi a ideia da criação do mundo por um deus único e transcendente. Os deuses antigos, de certa forma, faziam parte do mundo, como super-homens. Iahweh, muito ao contrário, como criador de tudo o que existe, é anterior e superior ao mundo.

Em outra forma de dizer, tanto Freud quanto Comparato referem-se de certa forma à inexistência de Deus. Acatar a ideia da inexistência de um ser sobrenatural, que imaginariamente é superior ao homem, por certo se torna o inverso do que se construiu até o momento, através dos escritos, da tradição, dos sacerdotes, dos ensinamentos familiares, religiosos, dentre outras fontes que repassaram à mente do ser humano essa forma de pensar em um ser “divino”, que no pensar humano é seu superior e que nunca se pode provar, não se prova, nem se provará jamais a sua existência.

As pessoas buscam-no pela fé, oração, clamor, sacrifícios e incontáveis meios mais e ainda assim, não conseguem evidências de sua existência, sendo muito mais fácil provar sua inexistência, diante da inércia apresentada em relação às pessoas que o buscam sem resposta evidente. Por tudo isto, é preciso desconstruir toda gama de conceitos acariciados até agora,

para construir uma nova concepção, pautada na verdade absoluta, naquilo que é real e verdadeiro, como fez Freud e outros pensadores que prezam por esse absolutismo e pela razão – pela prova -, assim como se faz na matemática, tirando a prova para ter certeza que a soma está certa.

Assim sendo, seguindo esta forma de raciocínio, (Freud, 1997. P. 45) de sua obra “O futuro de uma ilusão”, da editora Imago, referindo-se ao “Credo quia absurdum”, afirma que as doutrinas religiosas não se encaixam na competência da razão. Diz que a verdade das doutrinas religiosas deve ser percebida de forma interior, sem ser necessária sua compreensão. Em outra forma de falar, Freud argumenta que as doutrinas da religião não são verdadeiras, e; pelo fato de serem falsas inflamam a emissão de juízo de valor, por considerar essa falsidade desde o seu começo; no homem.

A historicidade aduz que no Egito, na XVIII dinastia existiu um rei conhecido como Amenófis III, o qual gerou um filho, o príncipe Tutmés, herdeiro do trono e logo depois outro filho que o denominou de Amenófis IV, o qual não podendo ser rei, considerando que tinha aquele irmão mais velho, foi criado para ser sacerdote do templo de Heliópolis, cidade do Baixo Egito que era o centro do culto do deus solar Rá. Nessa época existiam mais de 60.000 deuses identificados, com atributos, funções e características específicas, relacionados a diversos fenômenos e situações da natureza. Ora, seguindo a vereda da lógica, para cada deus certamente devia existir um sacerdote.

Logo depois, com o falecimento do referido irmão, Amenófis IV se tornou rei do Egito. Tornou-se um revolucionário soberano egípcio, agora acumulando conhecimentos sacerdotais e de monarca. No reino, o rei era apenas um fantoche, para cumprir os desígnios do clero, que detinha grandes fortunas, a exemplo de terras em outros países, pedreiras, minas e rebanhos, além de deter o poder político, religioso e financeiro de então. Neste encandeamento de ideias, de acordo com (DOMEZI, 2013 p. 7), Amenófis IV pôs-se a refletir e a meditar, visando erradicar aquele poderio, até que chegou a um consenso.

Decretou a extinção de todo sistema de adoração aos deuses, determinando assim a inexistência de todo e qualquer suposto ente divino. Na ideia dos pensadores, em outra forma de falar, Amenófis IV estava a dizer que o mundo ficou sem deus, não existia nenhum deus naquele momento do seu decreto, da sua determinação.

Com o vasto conhecimento que o rei na ocasião abrigava, para não deixar o povo à deriva religiosa, conhecendo que a religião é uma magnífica fonte de renda financeira, após

esse período reflexivo e meditativo, decidiu escolher, conforme (DOMEZI, 2013 p. 8) um único deus para ser adorado, e; escolheu Aton, representado não por um animal, mas pelo disco solar – o Sol -. E, com a finalidade de honrá-lo por demais, o rei alterou o seu próprio nome para Akhenaton, passando doravante a ser tratado assim. Decidiu que a regência sacerdotal ficaria a cargo de sua esposa Nefertiti, não existindo mais um clero poderoso e dominante, capaz de ameaçar a divisão do poder monarca.

Foi deste modo que, conforme (BRUNNER-TRAUT, 1999), Akhenaton criou um "monoteísmo esclarecido", sendo daí em diante considerado criador desse movimento. Como é simples entender que todas as divindades então existentes foram substituídas, de acordo com (DOMEZI, 2013 p. 8) por um deus único, Aton, o Sol, o disco solar irradiante, símbolo da vida, do amor, da verdade, arruinando o clero todo-poderoso de Tebas e automaticamente declarando que deus não existe. Assim sendo, deixou claro que não existe nenhum ente divino, soberano e superior ao próprio homem.

Este agir de Akhenaton não é o único a declarar a inexistência de Deus. Em um passado distante também já houve descrença igual, como enfatiza a escritora norte americana (White, 2007, p. 92 (77) versão eletrônica), dizendo que:

Os moradores da planície de Sinear não criam no concerto de Deus de que não mais traria um dilúvio sobre a Terra. Muitos deles negavam a existência de Deus, e atribuíam o dilúvio à operação de causas naturais. Outros criam em um Ser supremo, e que fora Ele que destruíra o mundo antediluviano; e seu coração, como o de Caim, ergueu-se em rebelião contra aquele Ser.

Posteriormente a concepção do monoteísmo criada pelo monarca egípcio, foi abraçada por Moisés, que recebeu uma educação refinada na pomposa corte egípcia com a finalidade de assumir o trono, contudo, o faraó Seth, então rei egípcio e contemporâneo de Moisés, tinha um filho, Ramsés, candidato a sucessor do trono.

Ora, Moisés vendo-se impedido de se tornar rei, tal qual Akhenaton, voltou sua visão para a dimensão religiosa. Conforme a Bíblia, (Êxodo 2:15), ele fugiu para Midiã, onde habitou e colocou em prática seus conhecimentos, com o auxílio de Jetro, que se tornou seu sogro. Deste modo, trouxe do Egito e após um aperfeiçoamento condizente, implantou na mente do povo hebreu, depois denominado povo de Israel, todos os parâmetros do monoteísmo, cujo povo, em conformidade com (DOMEZI, 2013 p. 11) assumiu o compromisso de adorar um ente divino como único deus, que a esse mesmo povo foi dito ter sido revelado a Moisés com o nome de Iahweh.

Na sequência do desenvolvimento dessa concepção monoteísta, vem o cristianismo, tendo como anunciadores os apóstolos, depois o advogado Paulo, antes Saulo de Terso, detentor de elevado nível de conhecimentos seculares e religiosos, com doutorado em direito, doutor da lei, apoiado pelo guru, ancião e rabino Gamaliel, que ao exprimir seu parecer, o povo absorvia o seu saber, como se expressa (Romano, 2013):

Sob a orientação do sábio Gamaliel, que exercia considerável influência no tribunal judaico, o jovem tarsense, de temperamento impulsivo, convicto de ser filho de um grande povo, conheceria a fundo as escrituras sacras em duas línguas: no original hebraico (Tora) e na versão grega (Septuaginta). O ambicioso Saulo, fiel às tradições de sua gente, preparava-se para uma brilhante carreira como Doutor da Lei, adotando a posição ideológica dos fariseus, pois já se definia uma posição no Sinédrio. ... Munido de documentos, partiu em caravana para a Síria. Como Doutor da Lei, tinha plenos poderes de perseguir e efetuar prisões aos seguidores do Nazareno.

Não estagnou aí, seguiu entretanto essa linha de conceito monoteísta, o islamismo. Maomé, que tinha por nome original: Muhammad ibn Abdallah, natural de Meca, tornou-se um homem de negócios, retirava-se para as regiões montanhosas, com a finalidade de meditar sobre as religiões que ele conhecia bem como sobre várias culturas de então.

De acordo com (Beltrão, 2000), Maomé viu diante de si um anjo, com o qual passou a ter comunicação. Com esta ideia fixa na mente, posteriormente ele veio fundar uma religião, o Islamismo. Assim sendo, o Judaísmo, Cristianismo e Islamismo são as três grandes e principais religiões que formam o consórcio das religiões abraâmicas.

Acatar a concepção de um monoteísmo esclarecido, por certo se torna o inverso do que se construiu desde um passado remoto da história até a contemporaneidade. É chegada a hora de se buscar novos horizontes de conhecimentos. O ser humano deve aderir à máxima socrática: “Conhece-te a ti mesmo” e buscar entender quem é, de onde veio, onde está, o que está fazendo e para onde vai. Desapegar-se da ideologia de que o homem é tridimensional, a exemplo do que pronuncia a Bíblia, apoiada pelo (Catecismo da Igreja Católica, nº 362 a 366 e especialmente nº 367), ao aduzir que:

Por vezes ocorre que a alma aparece distinta do espírito. Assim, São Paulo ora para que nosso "ser inteiro, o espírito, a alma e o corpo", seja guardado irrepreensível na Vinda do Senhor (1 Ts 5,23). A Igreja ensina que esta distinção não introduz uma dualidade na alma. "Espírito" significa que o homem está ordenado desde a sua criação para seu fim sobrenatural, e que sua alma é capaz de ser elevada gratuitamente à comunhão com Deus. (Parágrafo relacionado: 2083).

Diferentemente de alguns pensadores, como acentua (MELGOSA, 2009, p. 15) ao esclarecer que:

Para os filósofos do passado, o ser humano era dividido em duas partes distintas. Achavam que cada pessoa era composta de duas naturezas: matéria (corpo) e essência (alma). Também se afirmava que a alma tinha vida em si mesma, mesmo depois da morte do corpo. Muitas religiões ainda acreditam na ideia da imortalidade da alma, mas existem teólogos contemporâneos que entendem a natureza do homem no sentido integral e unitário. A ciência também confirma a unidade da natureza do homem.

2. Construção do Novo

No caminho histórico das religiões, aceitar ou não a ideia monoteísta, não significa menosprezo religioso. A questão não é ser ou deixar de ser, mas é explicar a forma com a qual o ser humano deu progresso a essa concepção da existência de Deus. Partindo do ponto de vista em que o ser humano começou a estabelecer essa compreensão, tomando como base a reforma religiosa elaborada pelo faraó Akhenaton e sua influência sobre o povo hebreu, cujo povo assumiu a missão de expandir esta ideia até os confins da Terra. Como acentua (DOMEZI, 2013 p. 7):

Akhenaton foi influenciado pelo clima religioso, ... A isso se acrescentou sua formação, com o mestre Eye. ...Tudo isso o levou a refletir, meditar, fazer uma seleção racional, até escolher um único deus. E ele escolheu Aton, representado não por um animal, mas pelo disco solar.

É do conhecimento que (Carvalho, 2005), em seu programa sobre Filosofia, faz exposição de traços contínuos da Filosofia Cristã dos sacerdotes primitivos, narrando as interrogações primordiais, as contendas, os diversos rumos de pensamento, o constante questionamento de superioridade testemunhal, a questão da transmissão, também com relação à controvérsia e a própria doutrina. Concernente à Filosofia, ele aduz que (Clemente de Alexandria) a denominou como “... pedagogo que leva a alma até Jesus Cristo”.

Contudo, Freud não a vê assim, não a toma por este parâmetro, mas baseia-se na teoria de (Hans Vaihinger), “como se”, ao afirmar que o homem está impedido de conhecer o que existe efetivamente no mundo. No pensamento freudiano, conforme (Freud, 1997, p. 10), os elos humanos sofrem influências através de satisfações do instinto.

Freud apresenta ainda outras premissas que são parcialmente verdadeiras. Destarte, o próprio homem, dotado de inteligência e liberdade de expressão do pensamento, pode se sobrepor a tais instintos, isto sim é do alcance do conhecimento humano. O que vem dizer que o homem não age somente pelo instinto, mas pela vontade.

Ainda sobre a formação da concepção monoteísta, se expressa (Lourenço, 2013), aduzindo que:

a existência de Deus como ideia e conceito começa de fato com a evolução racional do ser humano, dentro de um processo da evolução natural das espécies. Daí não ser um disparate afirmar que a natureza criou o homem e o homem criou deus. ... A existência de Deus, a rigor, é um efeito colateral da racionalidade. Ela acontece onde o nosso limitado raciocínio esgota suas forças e não consegue romper. Aí entra a ordem sobrenatural, tendo como centro o deus absoluto.

Na linha do tempo, o povo de Israel foi devidamente orientado por Moisés, que teve suas raízes educacionais no mais alto escalão egípcio, onde aprendeu e absorveu inteligentemente o conceito monoteísta que Akhenaton, o revolucionário faraó criou, cuja ideia continuou no rumo de aceitação, fora aceita posteriormente por sábios e demais pessoas, a exemplo dos apóstolos, Paulo, antes Saulo de Tarso, o doutor da Lei e Gamaliel seu mestre. E; na contemporaneidade não é diferente, pois esta aceitação também tem imensa credibilidade por muitos do povo, dentre eles, doutores, mestres, magistrados, bacharéis, professores, acadêmicos, sacerdotes e muitos outros.

Essas ideias comportam argumentações deícolas. Tais ínvios não agregam precisão científica, com influência de restrições. (Freud, 1996), em sua forma de pensar, chegou a definir religião como ilusão. Outro pensador que segue a linha da descrença é (Karl Marx), de acordo com (Rodrigues, 2011), Marx chegou a dizer que a religião é o ópio do povo.

Outros ainda seguindo essa direção de raciocínio dizem que não se encontram evidências da existência de um ser divino, soberano, real e superior ao próprio homem. Alegam que se buscar fundamentação legal no campo das ciências naturais, certamente não se evidencia também esta existência, considerando que as hipóteses apresentadas, têm como base a criação do sistema do universo, um sustentáculo lógico que tudo foi criado.

Alegam ainda que neste contexto, um ser supremo não pertence ao “tudo” e logo fica provada sua inexistência. E que, mesmo o homem tendo consciência, diferentemente dos animais irracionais, transpõe os limites do ego com inclinação de adquirir compreensão do mundo em que vive, buscando bases em um ser infinito e sobrenatural, afirmam, portanto; que é inexistente. Este fato expressa o cume da fraqueza humana, como acentua (Sartre, 1943, p. 76), ao dizer que Descartes, querendo aproveitar-se de sua descoberta, apreende a imperfeição em si mesmo, “porque duvida”. Duvidando, certamente recorre a outros meios e seres. Neste pensar se expressa (Pedrosa, 2007) dizendo que:

Dentre os filósofos que mais admiro pela qualidade de seus textos acerca do ateísmo um deles é Sartre, em que sua obra *O Ser e o Nada* demonstra a existência como sendo validada por si própria e fala da ma-fé que a crença em deus e na religião trazem ao anular a responsabilidade do homem. Outro filósofo é Feuerbach, que era teólogo e se aprofundou na antropologia e explicou como o homem faz a projeção do que há de melhor em si neste ser imaginário que é deus.

Ainda existem os que dizem que por certo, não existem possibilidades de se provar a existência ou inexistência de Deus, principalmente um ser sem limites determinados, com

características outorgadas pelo próprio homem que o cria imaginariamente. Chegam a afirmar que na imaginação humana é apresentado Deus como onipotente, atributo este que não pode ser uma ideia sustentável, tendo em vista a impossibilidade divina de mudar a sequência das coisas neste mundo.

Chegam a dizer também que outro atributo outorgado pelo homem ao ser supremo é a onisciência, ao que alegam ser uma visível incompatibilidade com o anterior. Tais pensadores entendem que Deus, conhecendo os acontecimentos futuros, fica impossibilitado de alterá-los, pois assim procedendo, estaria apresentando erro em sua presciência, existe em tais pensadores que há tão somente suposições da perfeição divina. Neste contexto se pronuncia (DAWKINS, 2007, p. 89).

... aos especialistas em lógica não escapou que a onisciência e a onipotência são incompatíveis entre si. Se Deus é onisciente, ele já tem de saber que vai intervir para mudar o curso da história usando sua onipotência. Mas isso significa que ele não pode mudar de ideia sobre a intervenção, o que significa que ele não é onipotente.

Deste modo, alegam por fim que Deus, possuindo um estado perfeito, não seria necessário criar outros seres nem coisas, tendo em vista que um ser perfeito não tem necessidade de complementos. Neste rumo se exprime (Oliveira, 1997), dizendo que:

Racionalistas como Descartes, por exemplo, tentaram provar que deve haver um Deus, simplesmente porque temos em nós a ideia de um ser perfeito. Outros, dentre eles Aristóteles e São Tomás de Aquino, defendiam a opinião de que deveria haver um Deus, porque tudo precisa ter uma causa impulsora.

Ainda há quem diga que na tentativa de provar a inexistência de Deus, explicam que, sendo Adão e Eva criados com livre-arbítrio, fica entendido que o ser criador não tinha conhecimento de que os seres humanos iriam cometer pecado, apontando, portanto a sua falta de onisciência, e; se sabia, - dizem esses pensadores -, fica esclarecido que eles não eram dotados desse atributo, sendo então criados como uma simples maquinaria, destinados a pecar, sendo pela lei da lógica inocentados dos seus pecados, isentos de uma provável expiação oferecida por Cristo, Buda, Maomé, Mahatma Gandhi, ou outro qualquer que se dispusesse ou se disponha.

Na contemporaneidade, fica esclarecido que de veras, Deus não existe, quando se vê nos meios de comunicação social a declaração que, conforme (Queiroz, 2014), o Papa Francisco surpreende o mundo com a afirmação de que “Não existe fogo no inferno e Adão e Eva são uma lenda”. Contudo, por se tratar de um dizer provindo de um renomado chefe

religioso, tentam desmentir, objetivando esconder cada vez mais a verdade. Portanto, é hora de despertar e pesquisar sobre a realidade.

São argumentos que apresentam tentativas capazes de construir um conceito imaginário e simbólico de um ser divino, sobrenatural, inexistente; em lugar de um Deus real e existente. Esses pensadores chegam a dizer que a astronomia não aponta evidências da existência de nenhum ente divino. Conforme (Kant, 1989), "é moralmente necessário supor a existência de Deus". Continua (Kant, 2001, p.18), em sua obra a Crítica da Razão Pura, a dizer que "... Os argumentos que aduz para demonstrar a existência de Deus não têm valor".

Em seu livro Breve História do Tempo, 3ª edição (Hawking, *Abril de 1994, p. 4) partindo em busca de resposta ao notável questionamento de Einstein para saber se Deus teve algum senso de escolha no que refere à criação do Universo, instaura incansáveis buscas e afirma que quer entender o pensamento de Deus a quem muitos atribuem a criação de "um Universo sem limites no espaço, sem principio nem fim no tempo, e sem nada para um Criador fazer".

Na mesma obra (Hawking, *Abril de 1994, p.51), o autor diz que uma réplica possível é "que Deus escolheu a configuração inicial do Universo" por motivos que nunca o ser humano compreenderia, o que não condiz com a realidade, considerando que o homem é dotado de inteligência, capaz de compreender as coisas. No dizer de Hawking, se Deus criou o Universo de forma incompreensível aos seres humanos, não deveria deixa-lo evoluir ante leis que o homem é capaz de compreendê-las.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É oportuno ressaltar que a caminhada com a concepção monoteísta, não encontra limites, ela continuou com o cristianismo, na pessoa dos apóstolos, seguidos por Paulo, dotado de amplitude de conhecimentos e por último o islamismo.

Tanto Freud quanto seus contemporâneos que seguiram uma linha de raciocínio em relação à crítica da religião, juntamente conduziram suas ideias de modo crítico ao sistema religioso. Na contemporaneidade, mesmo com o desenvolvimento e crescimento das religiões, é preciso muito cuidado com a leitura dos escritos legados por eles, evitando que tais conceitos firmem-se na sociedade e a torne descrente.

Se buscar visualizar a contemporaneidade como uma sucessão de estados ou mesmo de mudanças, tanto históricas quanto culturais, que ganhou destacado desenvolvimento durante os séculos XVI ao século XX, constrói-se uma nova crítica da religião. Isto traz consigo a tentativa de excluir a questão existencial do Deus transcendente, voltando-se ao lado imanente do homem. Pensadores, quais Feuerbach, Nietzsche, Marx, Freud, Sartre, dentre outros mais, entenderam que o pensamento secular faz redução da religião a um produto humano e dispensável.

Freud traz sua crítica na religião como ponto primordial, o fenômeno que as doutrinas são, no seu pensar, puramente construções que contrafazem a realidade do ser humano. Contudo, este é um fato provindo do próprio Freud, que inicia pela modificação do homem em conjunto de grandes dimensões de tendências naturais, capaz de inadmitir questões superficiais. O autor continua dando nova forma à religião como conjunto estela de imposições, os quais não admitem também questionamentos exteriores ao seu complexo de regras, findando com a salvação do orbe.

Tudo está no vácuo, sem sustentação no mundo. Essa discussão dispõe uma amostragem de como Freud e outros pensadores da mesma linha levantaram, analisaram e encararam a questão da crítica à religião e de que modo essas críticas contribuem para ajudar a sociedade, de que forma esse fato ajuda o mundo religioso. Foi neste contexto que se elaborou essa discussão levantada pelos teóricos, expressando de forma evidente o que eles falaram sobre o assunto.

Por derradeiro, fica entendido que a crítica da religião nesses pensadores, redundando no fato de as doutrinas serem construções que falsificam a realidade humana. A ajuda que essa crítica traz ao mundo religioso e à sociedade no todo, são novas perspectivas de pensamentos

modernizados, trazendo consigo o interesse de se buscar novos horizontes de pesquisas e conhecimentos, com o objetivo primordial de se descobrir se Freud e os pensadores contemporâneos que seguem a mesma linha de raciocínio têm razão ou apenas está apresentando balelas.

Neste contexto, outros pensadores, de igual modo, a exemplo de Feuerbach, Nietzsche, Marx, Sartre e outros não mencionados, entenderam que o pensamento secular faz redução da religião a um produto tanto humano quanto dispensável. O benefício que este fato traz à sociedade e ao mundo religioso é a condução de todo pesquisador acender o desejo de buscar aperfeiçoamento dos conhecimentos, descobrindo a verdadeira razão.

4. REFERÊNCIAS:

BELTRÃO, Cláudia. Os árabes na Idade Média: os senhores do deserto. São Paulo: FTD, 2000.

Bíblia de Estudo Pentecostal, São Paulo, CPAD, 4a ed. 1997.

BRUNNER-TRAUT, Emma. Akhenaton, o Iluminador. In: BEOZZO, José Oscar (Org.). Os fundadores das grandes religiões. Petrópolis: Vozes, 1999.

CARVALHO, Olavo de. História essencial da Filosofia. Aula 13: Filosofia cristã, Ed. É Realizações, 2005.

COMPARATO. Fábio Konder, FUNDAMENTO DOS DIREITOS HUMANOS. IEA - Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 1997.

DAWKINS, Richard, 1941 - Deus, um delírio / Richard Dawkins ; tradução de Fernanda Ravagnani. — São Paulo : Companhia das Letras, 2007.

DOMEZI, M. C. **História das religiões. Batatais: Claretiano, 2013. – Estabelecimento do Monoteísmo**, unidade 4, do Curso de Convalidação de Teologia do Centro Universitário Claretiano, versão jul.2013.

FREUD, Sigmund (1996). O futuro de uma ilusão. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago.

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago. 1997.

HAWKING. Stephen W. Breve História do Tempo, 3ª edição: *Abril de 1994. Do “Big Bang” aos Buracos Negros. Introdução de Carl Sagan. Tradução de Ribeiro da Fonseca. Revisão, adaptação do texto e notas de José Félix Gomes Costa. Instituto Superior Técnico.

KANT, Immanuel. Crítica da Razão Pura. Trad. por Manuela P. dos Santos & Alexandre F. Morujão. Lisboa: Fundação Kalouste Gulbenkian, 1989.

KANT. Immanuel, Crítica da Razão Pura. 2001. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Introdução e notas de Alexandre Fradique Morujão. 5ª Edição. Serviço de Educação. Fundação Calouste Gulberkian.

LOURENÇO, Edval. Deus não Existe! 2013. Disponível em <<http://www.revistabula.com/posts/animau-cinixtro/deus-nao-existe>>. Acesso em 06 out. 2013.

MELGOSA, Julián. *Mente Positiva : como desenvolver um estilo de vida saudável / tradução Lucinda dos Reis Oliveira. – Tatuí; SP : Casa Publicadora Brasileira, 2009.*

OLIVEIRA, Silvério da Costa. *Ética e Kant. Rio de Janeiro:[s.n], 1997.*

PEDROSO. Adriano, Deus não existe. 2007. Disponível em <<http://adrianoped.blogspot.com.br/2007/05/deus-no-existe.html>>. Acesso em 06 out. 2013.

QUEIROZ, Robson. Papa Francisco surpreende o mundo: ‘Não há fogo no inferno, Adão e Eva não são reais’. Disponível em <<http://jmunicipios.com/noticias/internacional/papa-francisco-surpreende-o-mundo-nao-ha-fogo-no-inferno-adao-e-eva-nao-sao-reais/>>. Acesso em 11 jul. 2015.

RODRIGUES, Luiz. *Teorias e Argumentos. KARL MARX: «A RELIGIÃO É O ÓPIO DO POVO»*, 2011. Disponível em <<http://lrsr1.blogspot.com.br/2011/04/karl-marx-religiao-e-o-opio-do-povo.html>>. Acesso em 27 out. 2013.

ROMANO, Maria Aparecida. Paulo de Tarso. *Biografias*, 2001. Disponível em <<http://cienciafilosofiareligiao.blogspot.com.br/2011/04/vida-de-paulo-de-tarso.html>>. Acesso em 18 abr. 2014.

SARTRE. Jean-Paul, *O Ser e o Nada. Ensaio de Ontologia Fenomenológica. Tradução e notas de Paulo Perdigão. Editora Vozes Ltda. Rio de Janeiro, 1943.*

SENDER, Tova, Moisés e o monoteísmo e a noção de “povo eleito”. *Cad. Psicanál.- CPRJ*, Rio de Janeiro, v. 33, n. 24, p. 119-127, 2011.

WHITE. Ellen G. *Patriarcas e Profetas : Tatuí; SP : Casa Publicadora Brasileira, 2007. Versão Eletrônica.*